

PIRÃO DE OURO

ou Aluvião de mentira

Denisson Palumbo

“o ouro e a prata não têm nenhuma virtude, nenhum uso, nenhuma propriedade cuja privação acarrete um inconveniente natural e verdadeiro. Foi a loucura humana que pôs tanto valor em sua raridade.”

(Thomas More, Utopia, 1516)

PERSONAGENS: ¹

AURINO: Jovem garimpeiro, filho de garimpeiro, e viciado em ouro.

NABABO: Ex-escravo, mascate excêntrico, vendedor de galinhas.

SILVEIRINHA: Português, empregado de Nababo.

NEMÉSIA: Jovem linda, escrava fugida.

¹ Referente às formas de falar dos personagens em seu caráter linguístico é, invariavelmente, em caso de encenação, que sejam mantidas. Ver “O português afro-brasileiro”, de Dante Lucchesi, Eds. Alan Baxter, e Ilza Ribeiro. EDUFBA, 2009.

*A ação se passa no Brasil, em 1759, onde “terras eram tão ricas em ouro e tamanha era a sofreguidão por alcançá-lo que os senhores venderam seus escravos a si mesmo quando esses, além da produção ordinária, produziam excedentes. Assim é que surgiram alguns bizarros nababos negros. Espantosa também foi a fome de gente que comprava uma galinha por seu peso em ouro.”*²

CENA 1 – O desjejum feito na hora da janta por um jovem com fome de ouro.

Aluvião. Uma fogueira acesa. Uma cabana ao lado. Uma bateia, duas enxadas, bacias ao chão. Um córrego passa ao fundo, de onde AURINO vem equilibrando uma panela grande cheia de água e pedras que coloca sobre o fogo... Prepara uma sopa!

CANÇÃO DO RECADO DO MORRO³

*Sobra de ouro, falta de carne
na caverna, no Curral del rei
sobra de fé, falta de fome
na coroa, na corte do rei*

AURINO acompanha a melodia, canta junto; mas uma letra diferente.

*Sobra de couro se faz de carne
nessa terra, no Curral do rei
E sobre a fé, fala de fome
não há coroa que corte o Rei*

Silêncio. AURINO bebe a sopa.

CENA 2 – O banquete bizarro de quem come galinha com peso de ouro.

Antes do aluvião. Não se vê o córrego. SILVEIRINHA puxa uma carroça cheia de gaiolas, cheias de galinhas e cheia de mal cheiro, acompanhando o passo de NABABO.

SILVEIRINHA:

-Senhor Nababo,

² Povo Brasileiro, Darcy Ribeiro, página 153, Companhia das Letras (1995).

³ Referência ao conto “Recado do Morro”, de Guimarães Rosa, do livro Corpo de Baile.

NABABO:

-Sim! Tá na hora.

SILVEIRINHA tira uma galinha da gaiola

- O pirão de entrada.

SILVEIRINHA traz numa bandeja uma gororoba que despeja num prato de prata.

SILVEIRINHA:

-Não é pirão, é patê!

NABABO:

- Lá ni Portugal, né?

SILVEIRINHA:

- O patê é francês, senhor.

NABABO:

- Tu tá lerdo demais, Silveirinha. Ni meu tempo de cativêro num era assim!E a galinha? Assim mesmo! Onte assada hoje à cabidela! Agora anuncie...

SILVEIRINHA:

- Galinha à cabidela. Típico prato português.

NABABO:

- Isso, isso. E que mais?

SILVEIRINHA

- SENHOR.

NABABO começa a comer. SILVEIRINHA, escondido, tira do bolso um ovo cozido.

- Ah, mas que saudades tenho eu dos ovos-moles!

CENA 3 – O investimento em ouro numa cova grande pra carne pouca

Além do aluvião. Agora o córrego passa ao longe. Ao pé de uma cruz de paus AURINO:

- Tu merecia uma cruz de ouro... Vou ficar por aqui até tirar todo ouro desse aluvião. E mesmo que não ache agora, prometo não entrar em caverna nenhuma pra pegar ouro. Vou ficar aqui, tirando e botando a ripa, batendo o pano todo dia. Tenho fé... Agora eu vou botar esse bocado de ouro aqui de junto de sua bateia (*Cavando*) e pedir pro senhor olhar por mim, meu pai.

CANÇÃO DO FRAGMENTO DO OBSCURO ⁴

O burro prefere feno ao invés de ouro

E os que procuram cavam muita terra

Mas só encontram pouco.

Por fogo se trocam todas as coisas tal

Como por ouro mercadorias e por

Mercadorias ouro.

CENA 4 – O cálculo da galinha em ouro enquanto demanda da carne

NABABO e SILVEIRINHA chegam ao Aluvião. NABABO vasculha a cabana enquanto SILVEIRINHA procura se aquecer na fogueira. Distraídos não veem AURINO chegar.

AURINO: (*para SILVEIRINHA*)

- Aí não tem nada pra tu, não.

AURINO pega as duas enxadas.

SILVERINHA:

- É! Pois a ver pedras na panela, devo dizer que nada mesmo, mas a fogueira...

AURINO:

- Pois então se afaste da fogueira... E da panela também. E essas galinha, aí?

NABABO sai da cabana apontando uma arma para AURINO que levanta uma enxada.

⁴ Letra escrita a partir de fragmentos do filósofo pré-socrático Heráclito, Trad. José Cavalcante de Souza.

- Calma. Você gostou das galinha!

AURINO:

- Não quero saber de galinha nenhuma não.

NABABO:

- Ieu sei... Mas ieu sei tomém dum homi que matô ôtro homi por um ovo de galinha... Bom é andá prevenido.

AURINO:

- Pois é, mas eu não quero nada não.

NABABO:

- Silveirinha, mostre pru moço um ovo.

SILVERINHA.

- Senhor Nababo, ovos em falta!

NABABO:

- Será possívi! Pegue uma galinha!

AURINO:

- Mas eu já disse que não quero nada.

NABABO:

- Vamo começá de novo. Como é que diz? Premero que isso aqui... (*guardando a arma*) isso aqui num é pa tu.

SILVEIRINHA leva uma gaiola cheia de galinhas para perto de AURINO

- Aí, sim, é pa tu...pa tu poder prepará sopa de galinha. Mostre mais, Silveirinha. Pegue a da direita. Ó como trato bem as galinha... protejo bem porque galinha é mermo que ôro... Num é?

AURINO:

- Você que diz. Uma galinha é uma galinha/

NABABO:

- Depende da galinha, garimpeiro. Silveirinha.

SILVEIRINHA:

- Uma galinha gorda como esta! Estás a ver? Bem, pois, duas destas pesam uma arroba. Ou seja, elas valem uma arroba, as duas.

NABABO: (*interrompendo*)

- Seja mais claro, seja mais claro. O homem é um garimpeiro.

SILVERINHO:

- Então, as duas custam cento e trinta mil vinténs de ouro.

AURINO

- Que conta maluca é essa? Sabe quanto tempo demora/

NABABO: (*interrompendo*)

- Explique mais uma vez. Em bom português. Mostre os papé!

AURINO:

- Quero ver nada não. Só quero voltar pro meu trabalho, tirar a ripa do córrego lá detrás, limpar o pano nas bacia... A bateia! (*AURINO busca com a vista*) Cadê?

SILVEIRINHA: (*buscando um papel entre muitos papéis enfiados numa caderneta*)

- Veja aqui, esta é a mais nova noticia do Jornal do Commercio.

AURINO:

- Aí não tem nada pra mim não. Nem nessa gaiola nem nessa carroça

NABABO

- Garimpeiro... Galinha, com garantia, é tudo que tu pode arranjar para comer.

AURINO:

- Quem foi que disse?

NABABO:

- E o ouro enche barriga? Ieu num entrei nessa sua cabana? As sua providência já acabou! Aqui entre a gente... Já fui do garimpo, e já tirei tanto ouro... tanto ouro, ouro de barranco, num sabe? Que hoje ando forro. Entendeu?

AURINO:

- Mas eu não nasci preto igual tu, e tiro ouro de onde quiser, como o que quiser/

NABABO:

- Era cativo, sim, mas hoje tenho mais do que tu, garimpeiro. Tenho até criado. Silveirinha, guarde tudo aí... que esse aqui espera é pela providência divina.

AURINO se resigna, passa entre os dois homens, e entra em sua cabana, quando do córrego ao fundo, vem surgindo NEMÉSIA. Somente SILVEIRINHA a vê.

- Vamo logo! Hoje tu tá devagar mermo!

SILVEIRINHA:

- Uma mulher!

CENA 5 – A oferta valiosa da escrava fujona cansada de guerra

CANÇÃO DO JORNAL DO COMMERCIO ⁵

*A escrava Ignez...
crioula do norte,
bem feita de corpo,*

⁵ Letra de música escrita a partir de um "Aviso de fuga", publicado no JORNAL DO COMMERCIO, em 19 de Novembro 1872, extraído do artigo "Avisos de fuga de escravas na capital da Corte imperial: estratégias traduzidas em marcas de corpos cativos.", Maria Elizabeth Ribeiro Carneiro.

*beijo arrebitado
bem falante, bons dentes,
tem só vinte anos
esperteza um bocado*

*A escrava Ignez...
ela troca de nome,
vestida de luto
anda com modorra
diz que a senhora morreu
na Glória de Deus
e te deixou forra*

NABABO:

- Que muié!

AURINO põe a cabeça para fora da cabana

- Que beleza!

NEMÉSIA: *(para Silveirinha)*

- Ai, meu senhô, senhô pelo amor de Deus mim ajude... Um barranco caiu e os caminho tão tudo fechado! E já faz dias qu'eu num como nada, senhô.

SILVEIRINHA:

- Pois bem, conte-me mais sobre a sua história, quero saber/

NABABO: *(para Nemésia)*

- Ele: o senhor?

NEMÉSIA: *(para Nababo)*

- É...

NABABO:

- Todo mundo me chama de Nababo dêrne qu'eu comprei minha liberdade e comecei a comprá joia e roupa de rei aí meu antigo senhor que vendeu eu pra eu mermo, num sabe mim chamô assim: Nababo. Antes meu nome era Antônio ou Sebastião... Que nem lembrá eu lembro (*ri*). E tu, negra? É forra ou fugida? (*ri*)

NEMÉSIA:

- Meu senhô, ieu tive outra sorte que não essa sua... Tive uma senhora que me deixou forra, essa viúva, que Deus a tenha, escreveu no testamento dela que ieu era pa sê solta. E por isso eu ando de luto.

NABABO:

- De luto mas livre... Assim que é bom. Não é que nem banzo, que banzo mata.

NEMÉSIA:

- É sim, senhor.

NABABO:

- E uma preta que nem tu de preto fica é bonito.

NEMÉSIA:

- Senhô, preciso comê alguma coisa.

NABABO:

- Tu veio de onde mermo?

NEMÉSIA:

- Eu vim lá de cima, dos barranco. Dos barranco que caiu, fechô as estrada... tava com os homi do garimpo, fazia as comida, mas tive que sair... Que eles tão tudo cheio de ouro, mas a comida acabô.

AURINO sai da cabana.

NABABO

- Tá assim ni todo canto. E ôro não se come, num é?

NEMÉSIA:

- Não. Lá em cima, tinha um homi com tanto ôro, tanto ôro, que fez me pediu pa fazê um pirão.

NABABO: *(solta uma gargalhada)*

- E como é que é esse pirão?

NEMÉSIA:

- Ôro em pó mais água bem fervendo...

AURINO sai de cena.

- Esse que saiu? É seu criado tomém?

NABABO: *(para Silveirinha)*

- Ó. Tu fica de oio pa vê se ele num volta...Qu'eu vô conversar.

SILVEIRINHA se afasta, e enquanto NABABO conversa em baixo tom com NEMÉSIA, fica lendo o JORNAL DO COMMÉRCIO no qual encontra o "Aviso de fuga".

NABABO:

- Silveirinha! É assim que faz vigília, é? Largue isso aí... E prepare uma galinha bem gorda pa Nemésia comer. É Nemésia o nome, num é? Fique de oio no garimpeiro. Num deixe entrá aqui não. Se for preciso dê um ovo pra ele.

NABABO e NEMÉSIA entram na cabana de AURINO, e enquanto SILVEIRINHA estrangula a galinha, lá de dentro NEMÉSIA solta um grito. SILVEIRINHA continua a preparar a galinha, ora olha para longe, ora para perto, ora para e pensa sorridente.

CENA 6: O preparo do prato principal com tempero de vingança.

Proscênio. Enquanto fala o personagem haverá projetado o "Aviso de fuga":

50\$000 de gratificação

(...) *Fugio no dia 20 de outubro do corrente anno a escrava Ignez, crioula do norte, retinta, altura regular, bem feita de corpo, testa larga, olhos grandes, nariz chato, beiços arrebitados para cima e para baixo, bons dentes, sendo quatro da frente postiços, é bem fallante, tem 20 annos de idade pouco mais ou menos, troca o nome, anda vestida de luto, dizendo que sua senhora morreu e que a deixou forra e está alugada ganhando para si, anda quase sempre junto as pretas da quinta imperial, onde já foi presa; ultimamente tem sido encontrada no Portão Vermelho, Andarahy Grande e Pequeno, Engenho Velho e S. Christóvão nas imediações da Quinta Imperial, com chale na cabeça para melhor esconder-se, anda calçada e bem vestida; consta também que embarca nos bondes para a corte e passeia pela rua Jardim Botânico, onde tem também conhecidos; protesta-se com todo o rigor da lei contra quem a tiver acoutado, e por 2\$ diários desde o dia da fuga; quem a apprehender e levar á rua Sete de Setembro n. 227 receberá a gratificação acima (...).(JORNAL DO COMMERCIO., 19/11/1759⁶)*

SILVEIRINHA com um ovo cozido na mão fala, ironicamente.

- Escrava Ignez... estas muito longe de casa! E a fugir mais uma vez? Melhor seria se tu ficasses. Aqui está datado de 19 de Novembro de 1759! E hoje não é o dia 20 de Novembro, hein? A gratificação a que poderia eu ganhar aumenta a cada dia. E quanto tempo tens andado por aí! E a quanta gente tens enganado! A algumas é melhor que engane, mas a mim é melhor que prometa: “a galinha para mim será para ti”, e o que mais vir a ter também... E assim será melhor, pois, assim, tu poderás continuar em teu luto de mentira e liberdade, Nemésia.

CENA 7: O pedido de casamento com gosto de galinha e palavra morta.

No Aluvião. Todos à mesa. Ouve-se o cacarejo das galinhas..

NABABO: (com a arma na mão)

⁶ O “Aviso de fuga” original é datado de 1872 e é o mesmo do qual se fez a letra da CANÇÃO DO JORNAL DO COMÉRCIO.

- As estrada tão fechada, mas o que é que isso importa se nois tem comida? (*as galinhas param de cacarejar*) E tá tudo na paz num é mermo. Silveirinha preparano a comida (*dá um ovo cozido para ele*)... Aurino emprestano a cabana e a panela grande e foguêra... (*dá um ovo cozido para ele*) e NEMÉSIA (*dá uma coxa da galinha para ela*) dando mais liberdade pr'eu que já sô livre. Ah. É a liberdade dos justo essa. (*Silêncio*) Silveirinha, leia aí um desses seus papé com umas coisa bonita...

SILVEIRINHA, dentre papéis avulsos, pega um sem escolher e lê o seguinte poema:

“A MORTE DO PADRE VIEIRA

*Fostes, Vieira, engenho tão subido,
Tão singular, e tão avantajado,
Que nunca sereis mais de outro imitado
Bem que sejais de todos aplaudido.*

*Nas sacras Escrituras embebido,
Qual Agostinho, fostes celebrado;
Ele de África assombro venerado,
Vós da Europa portento esclarecido.”⁷*

NABABO: (*numa interrupção que começa quando a palavra “África” ressoa*)

- Pare aí, pare aí. Quá o nome do homi que escreveu isso aí?

SILVEIRINHA:

- Deixe-me ver.

NABABO:

- Num interessa! Quem é esse aí de África?

SILVEIRINHA:

- Não sei! Sei quem foi o Padre Vieira.

⁷ Poema de Manuel Botelho de Oliveira (Salvador BA, 1636-1711)

NABABO:

- Que é português igual tu. Tá certo

SILVERINHA

- Sim, ele era de Lisboa/

NABABO: *(interrompendo)*

- Num interessa! Leia de novo a parte: “De África”. Isso é um sinal!

SILVERINHA

- “*Nas sacras*” ... Não, não... Aqui. “*Qual Agostinho, fostes celebrado; Ele de África assombro venerado, Vós da Europa/*

NABABO: *(interrompendo)*

- Aí, aí... Agostinho!

SILVEIRINHA:

- Confesso-te que não sei quem é.

NABABO:

- Isso é um sinal! De África! De África! Nemésia, tu, quê que acha?

NEMÉSIA:

- Que quê eu acho? Num tenho leitura não, senhô. Se for sinal/

NABABO: *(interrompendo)*

- Pois digo que é um sinal pa nós casá. E pa botá esse nome de Agostinho no menino. Nois vai casá, então, entendeu? E tu vai sê o padre, Silveirinha.

AURINO sai

NABABO:

- E tu num tá convidado não, garimpeiro.

CENA 8: O ouro enterrado para o inútil entesouramento da alma

Além do aluvião. O córrego passa ao fundo, indiferente, invariável e infuso. Na cova grande pra pouco defunto AURINO enterra um pouco de ouro em pó. NEMÉSIA chega.

AURINO:

- Que tu tá fazendo aqui, negra?

NEMÉSIA:

- Nada não... tô andano... E tu?

AURINO:

- É meu pai que tá enterrado aqui.

NEMÉSIA

- Eu vi essa cruz antes. Tem muito tempo?

AURINO

- E o pulmão dele era forte como o meu.

Ouve-se a melodia da CANÇÃO DO RECADADO DO MORRO

- Tá ouvino?

(NEMÉSIA assente, ele se surpreende)

- É o morro que tá cantando! Tu consegue ouvir o recado do morro?

NEMÉSIA:

- Sim, mas num é o morro que canta não... é os homi de lá de cima.

AURINO:

- Não! É o recado do morro! E só os predestinados escuta esse recado!

NEMÉSIA:

- Os homi que tira ôro de barranco é que canta. Conheço eles tudo.

AURINO (*cantarola*)

- “Na terra, no *Curral do rei*” ... Tá repetindo? Tá ouvindo?

AURINO *canta a CANÇÃO DO RECADO DO MORRO a seu modo.*

CANÇÃO DO RECADO DO MORRO

*Sobra de ouro, falta de carne
na caverna, no Curral del rei
sobra de fé, falta de fome
na coroa, na corte do rei*

NEMÉSIA:

- Tô ovino! Tô ovino!

CENA 8: O fim do luto de liberdade e da escravidão da mulher.

No Aluvião. SILVEIRINHA como padre, e NABABO e NEMÉSIA noivos marcham.

SILVEIRINHA:

- Nababo e Nemésia, vocês prometem que a palavra liberdade seguirá tendo a mesma importância que sempre teve nas suas vidas, que vocês saberão responsabilizar-se por si mesmo sem ficar escravizado pelo outro e que saberão lidar com sua própria solidão, que casamento algum elimina? ⁸

NABABO:

- QUE É ISSO? É isso o que os padre fala? Pegue ôtro papé... quero ouví as palavra de padre mêrmo.

SILVEIRINHA:

- Tu queres um sermão...

NABABO:

⁸ Trecho do texto “Sermão do casamento”, de Mario Quintana (Alegrete-RS 1906-1994)

- É. Um sermão, um sermão.

SILVEIRINHA procura na carroça

- Quero que tu faça direito. (*SILVEIRINHA volta*) Faça o padre como é, e diga

NEMÉSIA: (*interrompendo*)

- Diga só que nois pode beijar, e tá bom..

NABABO:

- É... então diga isso.

SILVEIRINHA:

- Pode beijar a noiva.

Os dois se beijam e entram na cabana. SILVEIRINHA espreita, do lado de fora. Ouve-se um grito de NABABO e junto o fraco cacarejo das poucas galinhas. NEMÉSIA sai

- Posso entrar, Ignez?

NEMÉSIA:

- É todo do senhor.

SILVEIRINHA: (*de dentro da cabana*)

- Eu quero só o ouro.

CENA 9: O pirão de ouro e o orgulho ridículo de não ter o que comer.

CANÇÃO DO PALCO DA MORTE ⁹

*O abrigo é uma cela
enfeitada com goteiras
O mundo uma grande loja
com letreiro de fronteiras*

⁹ Letra escrita a partir do poema *Palco da Morte*, ou *Orações Fúnebres*, de *Christoph Männling* extraído do livro de Walter Benjamin: *Origem do drama barroco alemão*, página 181, Ed. Perspectiva.

*O homem é mercadoria
Que circula em prateleiras*

*A morte é negociante
sem igual entre os demais
A sepultura é armazém
onde os pesos são iguais
Deus um bom contador
Não dá lucro a Satanás*

AURNIO, com muitos sacos de ouro, entra na cabana e encontra o corpo de NABABO.

- Não vou enterrar esse negro do lado de meu pai.

AURINO pega sua panela, vai ao córrego e a traz cheia água que ferve sobre a fogueira. Em seguida, bota um pouco de ouro em pó. Tempo. Prepara um pirão.

AURINO:

- É... melhor pirão de ouro que sopa de pedra!

CENA 11– O fim do luto de liberdade muito além do aluvião de mentira.

Muito além do Aluvião. NEMÉSIA e SILVEIRINHA puxam a carroça juntos. SILVEIRINHA está coberto com as joias de NABABO.

NEMÉSIA:

- Tu sabe que o garimpêro de tanto tomá sopa de pedra acha que o morro canta, acha que a música que os homi lá de cima canta é o morro que canta!

SILVEIRINHA:

- E dele, tu tens pena?

NEMÉSIA

- É que ele tá louco!

SILVEIRINHA

- E vais fazer o que por ele?

Silêncio.

NEMÉSIA:

- Puxa como homem! Ó, português, ieu num sô nenhuma escrava não!

SILVEIRINHA:

- Comprarei um cavalo! Aquele negro louco me fazia puxar essa carroça como um animal!

NEMÉSIA:

- Aprendeu bem com os branco.

SILVEIRINHA larga a carroça, larga-se ao chão, lânguido, e larga um urro.

- Português, tu pegô tudo dele?

SILVEIRINHA:

- Tudo... Tudo o que? Peguei.

NEMÉSIA mostra a arma de NABABO para SILVEIRINHA.

NEMÉSIA:

- Tu num pegô tudo não.

Black-out. Som de tiro.

EPÍLOGO – No barranco dos prazeres, quando o aluvião de mentiras se esvaziou.

NEMÉSIA com as joias de NABABO, disfarçada de homem, vende galinhas na carroça.

CANÇÃO DO RECADO DO MORRO

Sobra de ouro, falta de carne
na caverna, no *Curral del rei*

sobra de fé, falta de fome
na coroa, na corte do rei

AURINO entra, compra uma galinha, não reconhece NEMÉSIA, e sai cantarolando.

Sobra de couro se faz de carne
nessa terra, no *Curral do rei*
E sobre a fé, fala de fome
não há coroa que corte o Rei

NEMÉSIA canta:

Sopra o mouro a cansada carne
na taberna, no *Curral del Rei*
E se cobre é o que mata a fome
Então coroa é o que come o rei